

Editorial

Vânia Noeli Ferreira de Assunção¹
Maria Aparecida de Paula Rago²

É com imenso prazer que trazemos a público mais uma edição da *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*,

Abrimos este número com o necrológio do filósofo Nicolas Tertulian, falecido em setembro de 2019, escrito pelo tradutor e pesquisador da obra lukacsiana Pierre Rusch. Neste texto póstumo, Rusch apresenta a trajetória biográfica e intelectual do romeno. Sua publicização é forma de a *Verinotio* homenagear o teórico, de quem publicamos, ainda em vida, diversos textos, que fazia parte do nosso conselho editorial e por quem mantínhamos profundo respeito.

Ao necrológio segue-se uma entrevista concedida por Tertulian ao filósofo Didier Eribon, na qual disserta sobre a relação complexa que o filósofo húngaro G. Lukács estabeleceu com os regimes autodenominados socialistas do Leste europeu, em geral, e com o stalinismo, em particular. Para tanto, faz apontamentos sintéticos sobre o significado de várias das obras lukacsianas.

No artigo ¿Regreso a Ítaca? Una lectura blochiana de la embriaguez: el caso de Gottfried Benn, a pesquisadora da Universidade de Buenos Aires, Maria Belforte, aborda a construção de subjetividades na narrativa de Gottfried Benn a partir do conceito de embriaguez de Ernst Bloch. Este, em suas análises estéticas e políticas na República de Weimar, atentava para a existência de utopias regressivas, bem como da convivência do arcaísmo com o relativismo. Para a autora, a exaltação da animalidade do homem e o niilismo médico de Benn são típicos do utopismo regressivo. Conclui que, independentemente dos desejos subjetivos dos autores, essas construções narrativas, que se pretendiam puras e associadas, contribuíram para assentar os fundamentos ideológicos do nacional-socialismo.

Maria Goreti Juvencio Sobrinho contribui para este número com o texto A inserção subordinada do capitalismo brasileiro na mundialização do capital. A autora, partindo de análises sobre a particularidade do capitalismo latino-americano e brasileiro feitas por autores como J. Chasin, Florestan Fernandes e Ruy Mauro Marini, aborda a inserção internacional do Brasil a partir dos anos 1990. Complementando com base em estudos recentes de economistas e sociólogos, ela conclui que esta inserção consolidou os pilares do capitalismo brasileiro – quais sejam, a

¹ Doutora, professora da Universidade Federal Fluminense (UFF – Rio das Ostras) e editora-chefe de *Verinotio*. E-mail: vanianoeli@uol.com.br.

² Doutora, professora da FEA-PUC/SP e editora-convidada da *Verinoio*.

incompletude, a subsunção externa, a autocracia e a superexploração da força de trabalho.

O artigo de Thiago Romão de Alencar, *Ensino de história e cultura popular numa nação imperial: o caso da Grã-Bretanha na segunda metade do século XIX*, tem por objeto a historiografia e o ensino de história na Inglaterra do século XIX. Apresenta exemplos de penetração da propaganda ideológica imperialista e nacionalista em entretenimentos populares e na arte inglesa daquele período (o *music hall* e o melodrama), mostrando as diversas mudanças pelas quais essas ideologias passaram no decorrer do tempo e de acordo com a interação das classes sociais com o empreendimento imperial.

Hilem Estefânia Cosme de Oliveira e Vinicius Felix da Silva, em seu ensaio *O capital, de Marx: advocacy de política pública?*, investiga o tratamento dado por Karl Marx à questão das políticas públicas no Livro I de sua obra magna. Debatendo com críticos contemporâneos, os autores sugerem que Marx propôs ali um programa revolucionário para o século XIX, baseado na noção de direitos sociais e econômicos do trabalho, frente à abstração liberal dos direitos humanos. Oliveira e Silva acreditam que a obra marxiana pode ser lida como uma defesa da legislação limitadora da jornada de trabalho e contém elementos para uma concepção marxista da política pública e de seus sujeitos.

Em seu texto [Re]pensar as derrotas no partido político: instrumentos gramscianos para uma análise, Rodrigo Francisco Maia examina a concepção gramsciana de partido político, visto como expressão da vontade coletiva, passando pela questão da sua organicidade e da necessidade de contínua formação de quadros intelectuais e por sua atividade no contexto da guerra de posições. Tomando os exemplos histórico-concretos dos partidos comunistas italiano e português, aborda como as derrotas – práticas, ideológicas e políticas – se abatem sobre agremiações e possíveis desdobramentos.

Neste número, apresentamos o Dossiê Pensamento conservador brasileiro do século XX, cuja ideia surgiu no Seminário Internacional J. Chasin, ocorrido na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em novembro de 2018. Neste evento, as organizadoras do dossiê, Vânia Noeli Ferreira de Assunção e Maria Aparecida de Paula Rago, participaram da mesa Núcleo de Pesquisas em Torno de Chasin, junto como Monica Hallak Costa, em que fizeram um balanço das pesquisas que foram inspiradas, direta e indiretamente, em duas ou mais gerações, nas pesquisas do filósofo paulistano J. Chasin sobre a via colonial de objetivação do capitalismo e o pensamento integralista de Plínio Salgado. Surpresas com a extensão temática – as pesquisas se articulavam em núcleos como as vertentes do pensamento conservador, a formação nacional e a marxologia

– e a quantidade de pesquisas que tinham Chasin como norte teórico, decidiram sugerir a publicação dos seus resultados, que não poderiam ser deixados à crítica roedora dos ratos. O escopo foi ampliado por meio de chamada pública de artigos que trabalhassem o pensamento conservador.

O Dossiê é aberto com o texto As vias prussiana e colonial de objetivação do capitalismo e suas expressões teóricas conservadoras: o fascismo e o integralismo, excerto do livro *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo híper-tardio*, de J. Chasin. Partindo de autores clássicos como Marx, Engels, Lênin e Lukács, entre outros, o autor faz um retrospecto histórico do processo particular de objetivação do capitalismo – a via prussiana – em países como Alemanha e Itália. Em seguida, contrapõe-se-lhes a forma como o Brasil entificou seu capitalismo industrial, a via colonial. *Pari passu*, é feita a análise dos principais caracteres de ideologias conservadoras típicas dos processos tardio e híper-tardio de constituição do capitalismo, o fascismo e o integralismo, salientando-se suas semelhanças e suas diferenças, determinadas pelo chão histórico distinto que as gestou.

Carlos Henrique Gileno, Rodrigo Dantas de Medeiros e Ricardo Lima da Silva contribuem para o Dossiê com o texto O pensamento conservador no Amazonas: a interpretação de Arthur César Ferreira Reis sobre a formação do Brasil. Os autores iniciam com um debate sobre o caráter do conservadorismo, em particular no Brasil. Em seguida, debruçam-se sobre o pensamento do historiador amazônida Arthur César Ferreira Reis, especificamente sobre sua interpretação acerca da formação nacional. Nesse mister, discutem os processos de organização do poder da Colônia até a Revolução de 1930, salientando como, para Reis, as mudanças sociopolíticas ocorrem de forma lenta e sem rupturas radicais, além de serem guiadas por uma elite intelectual e terem como elemento central um estado forte.

O artigo Capitalismo naturalista e modo de produção capitalista: crítica ao pensamento de Eugênio Gudín é de autoria de Maria Angélica Borges e João Ildebrando Bocchi. Os autores expõem o liberalismo de Gudín, para quem economia de mercado e democracia estão natural e harmonicamente conectados. Apresentam a sua concepção a-histórica, naturalizada e eternizante de capitalismo, que desconsiderava as análises histórico-concretas. Abordam, ainda, sua oposição ferrenha ao planejamento e ao “totalitarismo”, considerados antidemocráticos e intervencionistas, contrários à natureza humana.

A seguir, em uma homenagem póstuma a Lívia Cotrim, parceira intelectual, de militância e amiga de longa data, falecida em agosto último, apresentamos o texto Destruidora de ilusões burguesas: uma homenagem à nossa mãe, Lívia Cotrim, escrito pelas pesquisadoras Ana Cotrim e Vera

Cotrim, suas filhas, que celebram sua memória de uma forma que todos nós, da *Verinotio*, ratificamos.

Apresentamos, em seguida, texto da própria Livia Cotrim, escrito para este Dossiê, que tem como título Industrialização e bonapartismo – o ideário de Getúlio Vargas (1935-45), tema que a autora abordou em dissertação de mestrado. Realizando a análise imanente dos discursos varguistas no período em que se efetivava a industrialização brasileira, a autora salienta a especificidade de seu projeto de industrialização e seu vínculo com a forma bonapartista da autocracia burguesa.

Nosso colaborador Wanderson Fábio de Melo volta a discutir Roberto Campos, desta feita apresentando sua concepção de gênese e evolução do capitalismo. Segundo Melo, o economista identifica a prática da usura na Idade Média como gênese do desenvolvimento capitalista, concluindo, assim, que o capital estaria na origem do próprio capital. A prática usurária teria sido ampliada na fase do Renascimento, na Reforma Protestante e no período colonial, com a importação de metais preciosos das colônias às metrópoles europeias gerando uma revolução nos preços e ampliando o crédito, que Campos entendia como elemento central ao capitalismo.

Rodolfo Costa Machado contribui com o artigo Contrarrevolução permanente, antiliberalismo e anticomunismo: as raízes ideológicas do bonapartismo de Alfredo Buzaid, o jurista ditatorial (1965-74). Machado ressalta as críticas buzaidianas ao liberalismo e ao comunismo, aos quais antepunha a proposta da democracia social de cunho cristão, antipopular, elitista e autocrático. Segundo Buzaid, o regime bonapartista mantinha um *estado de justiça* anticomunista que conteria e superaria o *estado de direito* liberal. Machado apresenta, ainda, os principais núdulos do ideário buzaidiano, quais sejam, a concepção de estado ético, de política científica e de filosofia espiritualista que ele atribuía à ditadura. O autor chama a atenção para a forma como o antigo integralista pliniano se amalgamou tardiamente, em Buzaid, com a doutrina de segurança nacional e desenvolvimento e para sua participação na Liga Mundial Anticomunista.

No artigo O pensamento integralista de Miguel Reale, Rodrigo Maiolini R. Pinho inicia destacando a propositura realiana de uma nova concepção integral da história, a qual trataria da totalidade do processo histórico, composto de duas partes: ser e dever-ser, habitualmente estudadas em separado. De forma similar, concebia também um estado integral, um estado supereconômico, orientador e fiscalizador, representante de todas as classes sociais. Defensor de um anticapitalismo nacionalista, encontrava no bandeirismo o guia para a consciência nacional e apontava os pequenos proprietários como classe revolucionária.

Tiago Cavalcante Guerra, em seu texto *Os militares no pós-1964: um estudo histórico sobre a Linha-dura (1964-9)*, expõe as divergências verificadas no interior das forças armadas após o golpe de 1964. Nesse sentido, aponta o surgimento de duas correntes principais, a *Sorbonne* e a *Linha-dura*, detendo-se particularmente nos conflitos atinentes à segunda nos primeiros anos da ditadura, discutindo-a a partir de sua aparição na imprensa semioficial.

Vânia Noeli F. de Assunção explana sobre a concepção de Ocidente e história em Golbery do Couto e Silva. A autora expõe as concepções golberyanas de homem, história, estado e civilização, aborda a visão que o autor tem do Ocidente – ideal e efetivamente existente – e finaliza com a relação de dependência mútua que o general gaúcho percebia entre Brasil e civilização ocidental, a qual implicava uma proposta de defesa do Ocidente e a criação de um Brasil-potência, bastião da civilização.

Por fim, Maria Aparecida de Paula Rago, em seu artigo *O demiurgo da construção nacional: o pensamento industrialista de Azevedo Amaral*, ocupa-se do pensamento do jornalista fluminense, uma das expressões mais elevadas do nacionalismo conservador e autocrático dos anos 1930. Defensor da corrente industrialista, notabilizou-se por ser adepto de um estado autoritário e de uma nova elite dirigente. Pretendia, assim, superar os entraves ao processo de evolução nacional rumo a um novo padrão de modernidade – o neocapitalismo de massas. Segundo a autora, trata-se de um ideólogo em quem se manifestam claramente os elementos contraditórios representantes da renovação conservadora, que ele, aliás, pleiteava conscientemente.

Acreditamos que o retorno a autores clássicos – ainda que sejam clássicos do conservadorismo – muito pode nos ensinar sobre a sociedade brasileira. Nesse sentido, toda denúncia tem de estar atrelada à análise rigorosa e à atenção à especificidade das teorias, que devem, assim, ser combatidas também de formas específicas. Convidamos o leitor a ler, refletir e debater sobre os textos aqui propostos como uma das formas de se preparar para o combate.

Como citar:

ASSUNÇÃO, Vânia Noeli Ferreira de. Editorial. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 25, n. 2, pp. 7-11, nov. 2019.